



Suplemento Cultural

Coordenador
Guido Arturo Palomba
N.º 47
Janeiro de 1991

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Evocação a São Paulo

• **Duilio Crispim Farina**

Na evocação dos eventos do burgo, passado luminoso, espaço e tempo, vida e labor, acodem as imagens dos obreiros da civilização de Piratininga: os primeiros dias, o devassamento e a preta, sertanismo e penetrações, mas principalmente vocação irreversível para o Direito, Liberdade e Justiça.

Antes de tudo a Cruz de Cristo de Tomar, no Porto das Naus, com Martin Afonso de Sousa e os povoadores iniciais. Velas de Martin Afonso e Pero Lopes de Sousa, sotaina do Padre Anchieta, de Gregório Serão e de Manoel da Paiva. Os Adornos em Santo Amaro, ilha do Guaibe, o Engenho de São João, Armação das Baleias, Pero Goes da "Madre de Deus" e os Esquetes (ou Schetz) em São Jorge dos Erasmos. Uma casa santa, a primaz e Brás Cubas, a amida de Pero Colação, o acalanto de Bartira e da reinol Filipa Gago, mulher de Henrique da Cunha, lar e berço na terra nascente.

Nas ladeiras abruptas da colina sagrada, com o velho Pátio, casa e igreja, santificado pelo esforço, dores e porfias, crenças das sucessivas gerações, ressendem ainda as passadas daqueles que na Crônica inscreveram altissonantes feitos. Poderosamente assente sobre as arribas do Terreiro Jesuíta, cintada pela tradição, retratos dantão, retentiva do pretérito, a cidade lembra, por tê-los amalgamado todos, seus vultos, em gestas e sagas de intermináveis emulações e não menores errabatas.

Na rememoração evocadora da data maior da urbe máxima, civitas paulopolitana, reverentes, nossos espíritos voltam-se àqueles que sedimentaram os marcos miliares de uma civilização, toda labor, altivez e dignidade. E ao evocá-los como que sentimos que as casas e as ruas de hoje não são feitas de pedra ou cimento armado, mas de saudade de outras eras, de outros dias.

Ao levantar-se a poeira do tempo, São Paulo de outrora revive e o pequeno burgo se eleva na imagem dos paulistas. Por milagre, transmutam-se as visões e surgem vultos tortuosos e estreitas, a relembrem serenatas e cantigas e as figuras de Alvares de Azevedo, Varela e Castro Alves.

Uma névoa de inebriamento traz de novo os acadêmicos de São Francisco junto ao mole maciço do edifício escolar, convento um dia, com torre a dobrar, em alarde e majestade, a civilidade e o destemido de homens de pro e de sabedoria.

E a tudo, a presidir sempre uma Cruz, uma sotaina negra de um santo, Anchieta, e tantos

outros, legiões, benesses do Senhor à cidade que a iniciava.

Soldados de Lioiela, Divina Companhia de Jesus, mestres-escolas, educadores, cirurgiões, enfermeiros, boticários, albeites, sempre e sempre curando, amando, solidarizando-se.

E num empós, não menos magnífico, todo o carrocel, o envolver da História da cidade de Nóbrega e Anchieta.

Somações num cadinho: o saineite brasileiro, o sal da terra, do ameríndio, as impulsões da gravidade castelhana, claros avós, e arcos de Pequerobi e doutros naturais de Urairai, Antônia, batizando do padre José e os atavismos de Isabel Dias, filha de Tibiriçá, mulher de Ramalho.

Manhãs fagueiras, com minaretes plenos de meiguice, o acalanto da avoenga guianá, os Adornos genoveses, flamengos, reinos, ilhéus e cristãos-novos. O bimbalhar dos sinos a presidir o povoamento, os engenhos de açúcar, a preta, o sertanismo, as entradas, aqueles e estoutros feitos de uma nova Reconquista, transplantada aos trópicos, em lutas não menos cruentas e de não menor significado!

A correria nos sertões, em demanda das minas recém-descobertas em Tripuí, os impetos bandeirantes em marcha batida para as regiões auríferas dos antigos Cataguazes, as mil andanças pela estrada do Rio das Velhas, e os Campos Gerais do Paraná, em Itaococa e no lajeado, inclusive nos "currais da Bahia", nome pitoresco do vale do São Francisco.

Emergiam para a História, chefes de monções, senhores de pedágios de rios até então não vadeados e donos do poder na superintendência e guarda-moria das novas minas. Da célula-máter delineia-se a História da Província de São Paulo que, no bem referir do Visconde de São Leopoldo, será também a História Geral do Brasil. Enquanto as demais capitâncias não passavam de fazendas da metrópole, a de São Paulo já era uma afirmação de nacionalidade.

Rasgam-se os abismos do tempo. Abre-se a noite do passado. Tempos de intrepidez e desassombro: os deambulares de Raposo Tavares que escala os Andes, alcança Maracajú e o Guaporé e navega pelo Amazonas. Os Martinós, Sabarabuçu, Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Albuquerque, o Padre Faria, os dois Portes Del Rey, Francisco Dias Velho e o nascer do Desterro (hoje Florianópolis), o Devassamento do Piauí e a Legião Paulista, nas Guerras do Sul, na Província Cisplatina, na



A avenida Paulista em 1902, na direção da Consolação

Banda Oriental do Rio da Prata e em Sacramento.

Bartolomeu Bueno, filho do Aclamado, junto ao conde da Torre, enche-se de glórias, cicatrizes e do hábito de Santiago, na luta contra o holandês agressor e com eles tantos mais, com arcabuzes e bacamartes na longínqua Angola, em terras d'África, sob as ordens de Salvador Corrêa de Sá, com louros e destaquos, na batalha de 15 de agosto de 1648, dia da Mãe dos Homens.

Bartolomeu Paes e João Leite Ortiz afrontam os corsários de França, Diepe e S. Maló, em São Sebastião, afundam nos Goiazes, conquistam o bárbaro gentio e retornam potentes, após arrancar com grande bandeira e descobrirem o terceiro Eldorado brasileiro, trazendo 25 quilos de ouro e a concessão, por capitão-general, de 600.000 alqueires de terra.

"Paulistas, grandes servidores de Sua Majestade. Em seu real nome fazem tudo quanto se lhes ordena, expõem ao perigo a própria vida, gastam sem dificuldade tudo quanto têm e vão até o fim do mundo, sendo necessário; o seu coração é alto, grande, amoroso, o seu juízo grosseiro e mal limado, mas de um metal muito fino. Robustos, fortes, sadios, capazes dos mais intoleráveis trabalhos". Justiça em ofícios à corte, da lavra do Morgado de Mateus, Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, reconhecimento das virtudes dos paulistas que "empunhando a achas, empurrando quilhas, passaram ainda além das Tordezihas".

Agora, em socorros à frota de Diogo Flores Valdez e Sarmiento de Gamboa, duzentos bois desceram de São Paulo, como informam as atas da Câmara da Vila Embarcações da Bertioga, levam à Guanabara recursos para a salga da carne, farinha e viandas faltantes.

Vocação irreversível, acendrado amor ao Brasil, identificação com as causas primárias da nação: tudo dar e nada pedir...

É impossível apreender o sentimento essencial de nossa gente, sem refluirmos às origens, fastos dos primeiros quartéis das centúrias nascentes.

Tempos de certeza e fé: Nóbrega e Serrão, Frei Galvão e o padre Chico, monsenhor Francisco de Paula Rodrigues.

Dias de Ciência e de Cultura: Antônio Rodrigues, patriarca dos escultópicos nestas plagas a quem atribuíram os edis em 1579, por "homem experiente e examinado" as funções de "juiz de ofício dos Físicos".

Em suas licenças ou carta de examinação, ninguém poderia curar ou mesmo sangrar, nem purgar, sarjar ou escarificar. Justiniano de Melo Franco e Libero Badardi, pioneiros da vacinação antivariólica, a Santa Casa da rua Direita, e a da Chácara dos Ingleses, na Glória, de Radmaker. A Tabatinguera e o Hospício de Alienados, onde finou-se Paulo Eiró e Franco da Rocha concebeu o frenocômio do Juqueri. Bento Sanch's Dorta, o primeiro a estudar as virtudes das águas de Fontes e bicas da cidade, que assistiu à lealdade de Amador Bueno, Diogo Toledo Lara e Ordones, naturalista, zoólogo e ornitologista pioneiro por aqui, benemérito doador da Irmandade da Misericórdia; Arouche Rendon, sem mano, primeiro diretor dos Cursos Jurídicos, as meninas da Casa Verde, e o patriarca progenitor, mestre de Campo Agostinho Delgado Barros Leme, figura de escol, todo benemerência e grandeza, simbolismo do eterno paulista, simples e altaneiro.

Na luminosa Paulicéia, na rua do Carmo, triste morada do excelsu linhagista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, historia-

dor dos bandeirantes, frei Gaspar da Madre de Deus, subindo às alturas de Paranapiacaba, sabe levar a alegria de sua presença para intermináveis tertúlias sobre os fatos dos cronicões pátrios.

Nas Janelas Verdes, na Ulissipona, nome da capital lisboeta, na tradição milenar, a relebrar Ulisses, o provedor da Moeda em Portugal, o paulistano Matias Aires Ramos da Silva de Eça reflexiona sobre a vaidade dos homens e sua irmã Teresa Margarida da Silva Orta, escreve as "Aventuras de Diófanes", digno do "Telémaco" de Fénelon. Ambos nados nestes pagos, por mercê de Deus.

Dias de dedicação e afeto: amor sem limites. Maridos afundados nas serranias distantes, distraídos com os almocrafes e os alviões, canumbés e batáias, imensos em tableiros e grupiares na procura de veios e filões, afastam-se ainda mais por meses e anos, até para não mais voltarem. Não fosse ouro as montanhas, da prata o fundo dos lagos e nas rochas não se estampassem os martírios de Cristo. Suzana Rodrigues, Clara Parente, Ângela de Araújo e Maria Betim nunca mais puderam rever seus consortes, desaparecidos no Paraguai ou nos serranos do Peru. E o que dizer do grande caçador das esmeraldas de que só voltaram com as pedras verdes os seus tristes despojos? E os sofrimentos de Maria Leite e Lucrécia de Cerqueira, e Mariana de Camargo, a poderem só muito mais tarde abraçar Borba Gato, Raposo e Rodrigues Arzão. E assim com Joana Gusmão, Isabel Bueno, substituídas exemplares no comando e nas canseiras do lar e da lavoura, sobranceiras, afeitas às renúncias, alimentando esperanças que o tempo e as desilusões não desvaneciam.

Anos, Lustrós, Centênios, Rútulos e fulgentes eventos, últi-

mo decênio do século dezenove.

As sete voltas do Tamanduaei sempre inconformado a extravasar de seu leito habitual, já tivera sua correção por João Teodoro. Bernardino de Campos prolongara o aterrado até o Gasômetro, em terras da chácara do Ferrão, pertença um dia da Marquesa de Santos.

O Anhangabaú ou Córrego das Almas já não é mais ribeiro lodoso e turvo que parecia se esconder envergonhado no fundo de seu leito. A ilha dos Amores já embaixo não mostra os ademanes senhores de um tempo que já não é mais província.

A Penha de França, o Ó, os Remédios, Emboacava estão mais próximos. O Caaguassú, com seu espigão, prenuncia dias do amanhã, de morada e fausto. Os grãos de café constroem os Campos Eliseos e o Higienópolis como fizeram com a Vila Buarque.

O sábio Felix Le Dantec, recomendado por Pasteur, funda, estrutura, o Instituto Bacteriológico. Sarah Bernhardt hospeda-se no Hotel Flora, na Vila Mariana, e afirma ser São Paulo a cabeça do Brasil e o Brasil, a França Americana.

Bráulio Gomes concebe a Maternidade e Antônio Prost Rodovalho torna-se o primeiro presidente da Associação Comercial de São Paulo.

Em 10 de novembro de 1894, no salão da Faculdade de Direito, torna posse na presidência do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o inculto médico Cesário Mota Júnior, mais antigo cenáculo cultural de nossa terra. Sonhos de Antônio Toledo Piza, Domingos Jaguaribe, Estevão Leão Bourrol. Esforços também de Teodoro Sampaio, Orville Derby, Hermann von Herling, Luiz Pereira Barreto, Alberto Loeffler, Eduardo Prado e muitos outros. O passado entendido, pesquisado, cultuado, registrado de forma definitiva, elevar-se-á doravante para se incorporar na Memória Histórica, Armorial de fronteiras e raízes, cancionário de novos conhecimentos, tomo eterno dos capítulos expressivos da civilização do país dos paulistas.

Não tardam a Escola Politécnica de Paula Souza, a Casa de Arnaldo, ajuntarem-se as glórias eternas da Escola de Direito das Arcadas Franciscanas. São Paulo afirma-se em definitivo como a metrópole inconfundível das Américas. O apóstolo da estrada de Damasco haverá sempre de guiá-la. Pola Ley e pola grey. Non Ducor Duco. Pro Brasilia fiant Eximia.

• **Duilio Crispim Farina** é presidente da Academia Paulista de História e membro da Academia Paulista de Letras.

Poesias inéditas de

Primeira vez

Colhe comigo o céu deste momento,
de intensa luz, de nuvens perfumadas;
corre comigo, além do pensamento,
no lépido corcel das madrugadas.

Esse céu, esse sonho, esse perfume,
essa luz, esse mel, esse calor,
essa distância consciente do ciúme,
essa busca, esse encontro, esse amor...

Não condenem jamais os sonhadores
em seu instante de augusta lucidez.
O amor de longa espera aqui se fez.

Respeitem meu direito e minha vez.
Quem, com ciúme, tranca o amor mais forte
convoca o sentimento à própria morte!

O direito

Tu que advogas a causa, do réu ou do autor,
estuda bem o caso que a ti foi confiado,
interpreta a lei, com reserva e com cuidado,
outras fontes do Direito têm seu valor.

Enquanto não transitada a questão em julgado,
não te creias vencido, nem te creias vencedor,
mantém, neste tempo, a tua fé no julgador
e honra a profissão que tens de Advogado.

Crê na instituição do Poder Judiciário,
considera o teu colega ora adversário,
trata-o com o respeito que deve merecer.

Denuncia a todos o direito violentado,
reconstrói, enfim, com o saber priorizado,
a maior aspiração que o homem pode ter!

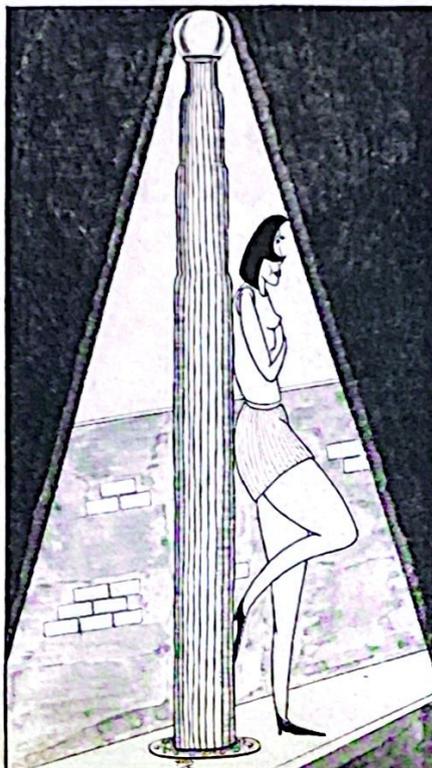
O bombardeado

Ela não me quer, me diz na fuça,
tudo ela me diz, não esconde nada,
tolamente, com a cara mais lavada,
ainda eu choro, o coração soluça.

Insisto e ela sobre mim debruça
o seu olhar com grave alfinetada,
minha cabeça, embora atrapalhada,
meu passado todinho ela esmiúça.

E me descobre já menino feio,
narigudo, vesgo e magricela,
fruto de parto tardio e sem cautela.

Conquistá-la, já não tenho meio,
eu me calo, em sua decisão não erra,
meu mal foi nascer em plena guerra!



Porta do saber

Que estranha porta essa que se abre agora,
tão plena de luz, tão promissora e calma!
Que sensação é essa que me toca a alma?
Que encanto é esse, tão tardia a hora!

A porta é a dor saber que não se tranca,
a sensação, meu caro, naturalmente é sua,
o encanto é a liberdade que, cortando a rua,
a toda ignorância num segundo estanca!

Abra o livro, leia-o sem fomentar a pressa,
aproveite todo esse tempo de real grandeza
para o prazer imenso que lhe serve a mesa.

Não mais lhe cause a luz qualquer surpresa,
a liberdade que o livro aqui semeia
é o alimento vigoroso que fomenta a Ceia!

Os homens

Permitam, os pássaros,
voem os homens
e todos perceberão
o descortinar de um céu bonito
de mil aventuras
e nenhuma promessa de paz.

Os pássaros

Permitam, os homens,
voem os pássaros
seu extenso céu de liberdade
e percebam todos
que não haverá no céu
nenhum sinal de discórdia.

Glória efêmera

Ela veio, sorratamente veio,
trancou meus olhos, abraçou meu peito,
mostrou-se inteira, descoberto o seio,
atirou-se voraz sobre o meu leito.

Fez de mim seu brinquedo, tudo fez,
deixou-me prostrado, inútil, vencido,
roubou-me o pensamento, a lucidez,
tive assim o prazer antes não tido.

Glória efêmera, partiu como veio
essa mulher tão bonita e tão estranha,
nenhuma prova eu tenho da façanha.

A lembrança de tudo ora me assanha,
retorna ela, outra vez o seu gorjeio,
outra vez inteira, outra vez o seio!...

Zela por ti

Dorme o teu sonho, dorme agora, dorme
antes que os homens te perturbem tanto;
faz silencioso o teu momento santo
e cessa de uma vez a fúria enorme.

Se te prendes à boca mais estranha,
quem te garante o passo mais seguro?
Pensa agora e sempre em teu futuro,
a palidez do medo mal barganha.

Quantas, quantas promessas eu ouvi,
quanta frustração, quanta indiferença!
Que mantenhas preservada a tua crença.

Zela pelo esplendor que tens em ti,
não permitindo misturem tuas tintas
ao veneno de bocas tão famintas.

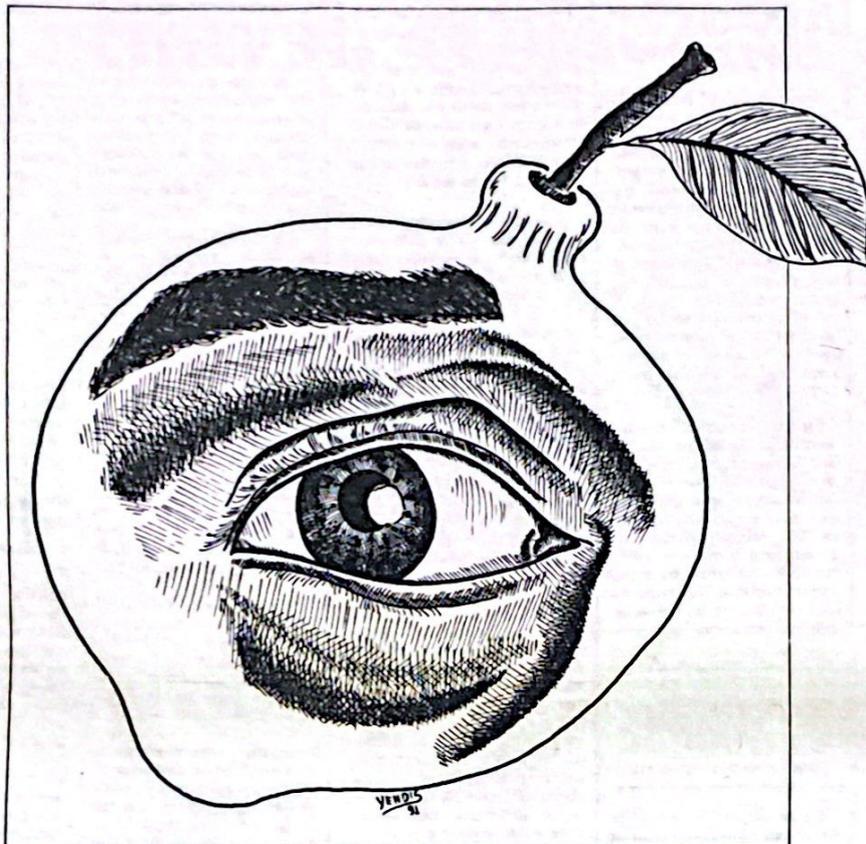
Rede amarela

Balança, moça bonita,
deita na rede o cansaço,
quero junto do teu braço
pousar-me inteiro também.
Balança, moça, balança
a tua graça singela,
na minha rede amarela
brinquemos de vai-e-vem.

A moça, muito dengosa,
tomou-me inteiro no braço,
não disse do seu cansaço
eu nada disse também;
agora, a rede balança
ao sabor do amor ardente,
vai a vida, docemente
vai a rede, vai e vem.

Suarez de Oliveira

Goiabas brancas



Eu fui ver Seu Venâncio morrer.
Uma, duas, três horas
e Seu Venâncio não morre.

No quarto, junto à cama
onde Seu Venâncio agoniza,
há vela acesas,
há preces,
há rezas.
Dona Clara, a companheira,
também reza,
só ela soluça e chora.

Além da janela do quarto, o
quintal,
no quintal a goiabeira,
a única goiabeira de goiabas
brancas
brotada no chão da nossa terra.

São muitos os terços,
são muitas as rezas.

Seu Venâncio me olha:
tem olhar de vigia
ou tem olhos de morto?!

Seu Venâncio não morre
e ninguém acredita.

O médico disse dez minutos,
um pouco mais, um pouco
menos.
Ninguém exige a precisão da hora
na marcação desse tempo.

Sobre a morte
mamãe me disse alguma coisa,
alguma coisa também me disse o
Padre João.
Que menino sadio, moleque
levado,
com cheiro de leite, iria entender
de assunto tão grave?!

Quatro horas, cinco horas
e Seu Venâncio não morre.

As goiabas brancas
pendem dos galhos,
fustigam meus olhos,
lambuzam meus beiços,
me cospem na cara.
Seu Venâncio me olha,
vigia meus passos.

Vem a hora do almoço
e Seu Venâncio não morre.
Vem a hora do lanche
e Seu Venâncio não morre.
Vem a hora do jantar:
minha mãe vem dizer
que Seu Venâncio morreu.

Não há mais Seu Venâncio,
não há mais Dona Clara,
não há mais goiabeira,
não há mais meninada
ao longo das nossas ruas.

As goiabas de hoje
já não crescem cheirosas.
A paciência dos homens
já o tempo levou.
Não há Venâncios e Claras
ao longo da estrada.

Esse tempo de agora
assusta os meninos.
Os meninos recuam:
têm medo da morte.

Retratos de Minas

Minas é isso:
caminho atrevido
de cortes e curvas,
estrada de terra
em chão de minério,
ladeira de pedra
de histórias bonitas,
memória do tempo
de muita conquista,
veio de ouro
de muita cobiça,
espelho da arte
de santos enfermos,
caboclo calado
de jeito manhoso,
amigo constante
de muitos olhares,
estrada de ferro
de muitas paradas,
retrato pequeno
de verso inspirado,
lamento de negro
no engenho de cana,
cantiga de roda
no chão da senzala,
comida caseira
de leite e fubá,
festa animada
de muito calango,
pomar vigiado
de amora e pitanga,
francisco choroso
a caminho do norte,
coração descoberto
de riso mais largo,
céu de São Jorge
que a serra aproxima,
fileira de gente
atrás do poder.

Minas é muito mais
do que tudo isso:
Minas se resume:
é um estado de graça!

Domingo Parodi, o retratista do presidente Lopez

• Alberto Martins da Silva

A contratação de médicos estrangeiros pelas autoridades paraguaias, para fazer face às dificuldades do país no setor de saúde - principalmente no período que antecedeu a Guerra da Tríplice Aliança - já se constituía uma rotina administrativa. É bom salientar que foi decorrente deste empenho que veio surgir o aprendizado da arte de curar em terras paraguaias. Assim sendo, desde o governo do presidente Carlos Antonio Lopez, mais precisamente a 26 de agosto de 1845, ao ser criada a Guarda Nacional da República, quando foi determinado o alistamento de médicos, cirurgiões e boticários, sendo fixado o efetivo e os vencimentos.

Apesar disto, as dificuldades continuaram em virtude do pequeno número de profissionais existentes, muitos dos quais estrangeiros e de pouca qualificação. No período compreendido entre 1844 e 1861, chegaram ao país cinco médicos ingleses, um médico sueco e um farmacêutico inglês. A partir de 1862, final do ano, e já no governo do marechal Lopez, aportaram em Assunção mais quatro médicos ingleses, um médico italiano e um farmacêutico americano. Estes profissionais, juntamente com alguns poucos existentes na cidade, deram início à verdadeira criação do ensino médico no país e contribuíram com seus conhecimentos e suas atitudes de patriotas, para o apoio de saúde durante a Guerra da Tríplice Aliança, coadjuvados por centenas de jovens "alunos" da incipiente escola médica. Muitas vezes, estes profissionais, extrapolando suas atividades técnicas, colaboraram com seus conhecimentos de botânica, química e física no trabalho das operações bélicas, em todos os sentidos.

Entre eles queremos ressaltar a figura do dr. Domingo Parodi, que chegando em Assunção, em maio de 1865, iria fazer história no Paraguai, como médico, farmacêutico e químico. Era Parodi italiano, e iniciou sua atividade profissional como farmacêutico, em plena Capital, tendo requerido, logo ao chegar, a permissão para instalação de uma botica, onde passou a clinicar e consultar clientes de todos os níveis sociais com seus modos educados e sua palavra fácil.

Um ano após, em plena efervescência das operações militares, ofereceu seus serviços aos hospitais militares, como colaboração no esforço de guerra. Este oferecimento, como bom friso, era sem compromisso pecuniário. Apresentou para isto o diploma de membro fundador da Academia de Medicina de Montevideo e passou a servir sob os ordens do médico inglês John Fox - contratado desde 1861, tendo sido professor de Anatomia dos jovens praticantes nos hospitais Militar e de Humaitá - e do cirur-

gião paraguaio Wenceslao Vellila, renomado profissional e senador da República, no após guerra.

Seu excelente relacionamento social e seus conhecimentos profissionais levaram a um comentário elogioso no periódico "El Semanario", onde são realçadas as suas qualidades, quando diz "o senhor Parodi é um estrangeiro que merece particular estima por mais de um conceito e dos títulos que se acompanham para ser credor do apreço e simpatia de nossa sociedade e tem apregoado nestas solenes circunstâncias da República esse desprendimento generoso e espontâneo a bem dos defensores da causa nacional, e esta viva solicitude de seus serviços pessoais nos hospitais de sangue desta capital, pleno de espontaneidade e com uma perseverança muito recomendável".

No âmbito cultural, desenvolveu intensa atividade, tendo sido um assíduo colaborador da revista "Aurora", enciclopédia popular e mensal de ciência, arte e literatura, publicada pelos alunos do curso de Filosofia. O seu trabalho técnico-profissional compreendeu a arte médica, a farmacologia e a química; pesquisou a

Somente em 1869, surgiu o primeiro jornal de oposição, o "La Regeneracion", sob a direção de Juan José Decoud, editado por imprensa própria, adquirida em Buenos Aires, de total adesão à causa dos aliados.

Voltemos ao dr. Parodi. Em setembro de 1867, o periódico "El Semanario" publica dois artigos sobre as virtudes medicinais da coca e sua existência no território paraguaio, confirmado pelos bolivianos que difundiram o achado. No Paraguai já se conhecia planta semelhante, porém com o nome de "Ibyra Lumi". A este respeito, o jornal recebeu uma carta do dr. Parodi, onde ticia interessante comentário sobre a nova droga e a semelhança com o "Ibyra lumi" e as conseqüentes repercussões como fonte de riqueza para o país.

Paralela à sua atividade profissional, o dr. Parodi desenvolveu uma intensa ação de comerciante de larga visão. Assim, instalou, na capital, uma fábrica de gelo, que inaugurou em fevereiro de 1867, tendo fornecido seu produto para os hospitais militares, ao mesmo tempo, registrou, consorciado ao dr. Sinforiano Alcora, um invento de café-erva, pelo prazo de quinze anos.

Sempre foi um homem de confiança das autoridades paraguaias.

flora, preparou drogas e colaborou, com seus conhecimentos, para os arsenais do país com estudos sobre a fabricação de pólvora e de foguetes a Congreve. No uso destas funções ditou ordens para o estudo de áreas onde havia salitres e outros setores mineiros. Seu dinamismo alcançou a imprensa local, tendo colaborado no "El Semanario", periódico publicado pelo poeta e jornalista Natalicio Talavera, e no "Estrela", publicado pela Imprensa Nacional, surgido em Piribebui, em fevereiro de 1869, como "porta-voz do povo e do Exército Nacional", dirigido pelo padre italiano, Geronimo Becchi. Era um pasquim muito agressivo, principalmente com respeito aos brasileiros, e teve distribuição generalizada entre a tropa paraguaia; a sua duração foi curta, tendo sido apreendido o número de 12 de agosto de 1869, pelas tropas aliadas. O padre Becchi também foi diretor de um outro periódico, o "Cachichul", impresso pela Imprensa do Exército e escrito em guarani e espanhol. Convém salientar que durante a Guerra da Tríplice Aliança também circularam o "El Cacique Lambaré", impresso pela Imprensa Nacional de Assunção, em guarani e tendo como diretor o padre Francisco Solano Espinoza, e o "El Centinela", também impresso em guarani e espanhol, em prosa e verso, e dirigido pelo jornalista boliviano Tristan Roca, depois fuzilado.

Serviu durante a guerra no Serviço de Saúde do Exército Paraguai, tendo alcançado o posto de major, e foi condecorado, em julho de 1867, com a Ordem Nacional do Mérito, no grau de cavaleiro. Após a queda de Piribebui, ficou como encarregado do Hospital de Caacupé, onde permaneceu, por ordem do marechal Lopez, com 1.237 feridos, aguardando a tropa aliada. Naquela ocasião, recebeu do governo a soma de 3.700 pesos prata, em pagamento de seu soldo e como recompensa pelos serviços prestados. O dr. Parodi recebeu, ainda, para atender aos necessários, sob sua responsabilidade, quatro mil pesos em ouro e prata selada e 100 mil pesos em bilhete de curso legal. Quando a região foi tomada pelos aliados, ele foi preso, juntamente com sua filha, e enviados para Assunção.

Sempre foi um homem de confiança das autoridades paraguaias, o que demonstra pelas missões que recebeu ao longo do período da guerra. Sua autoridade em química o levou ao estudo, por determinação do ministro dom José Berges, da purificação do ouro das jóias entregues pelo povo, ao governo, para extração do cobre existente na liga, para fundir moedas de ouro. Bom médico, escritor, orador fluente, botânico e químico, o dr. Domingo Parodi se dava ao luxo do "hobby" da pintura. Em janeiro de 1869, a mando do ma-

rechal Lopez, pinta o major Patricio Escobar, amigo do presidente e por ele admirado, que se encontrava, em Cerro León, bastante ferido. Naquela oportunidade, retratou o próprio presidente, sentado, com a espada embaixada, na mão, e a estrela de cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito, presa na altura do peito esquerdo; este é o retrato mais divulgado e conhecido nas obras sobre o marechal.

O dinheiro ganho pelo seu trabalho profissional e comercial, no valor de 1.600 patacoes e uma caixa com jóias, ele conservava na Legação Norte-Americana, sob a guarda e responsabilidade do ministro Wasburn, até a sua saída do Paraguai. Esta fortuna o acompanhou até Caacupé, tendo, quando preso pelos aliados e levado para Assunção, reclamado, junto ao Comando Aliado, a devolução das ditas caixas deixadas naquela área.

Como um curioso da flora paraguaia, botânico que era, preocupou-se em pesquisar várias áreas, que percorreu, anotando seus estudos e escrevendo o livro "Notas sobre algumas plantas comuns do Paraguai", editado por Coni e Hijos, Buenos Aires, 1886. Neste trabalho, além de constar resultados de suas pesquisas, usou muitas notas deixadas pelo médico e naturalista sueco, Eberhard Munk of Rosenschold, que viveu em Assunção de 1844 a 1869, e fuzilado, em março de 1869, por ordem do marechal Lopez. Muito do acervo do dr. Munk desapareceu após a sua morte, fazendo com que o cônsul da Suécia, e depois o da Noruega, através do imperador Pedro II, exigissem a devolução. O dr. Parodi chegou a ser ouvido no processo, por autoridades brasileiras, sem nada poder esclarecer. As próprias autoridades aliadas mandaram averiguar em Assunção e em Vila Iguatemi o paradeiro de tão rica coleção.

Merece destacar a maneira como desenvolveu suas atividades profissionais e comerciais durante todo o período da guerra sem ser alvo de qualquer tipo de suspeita, mesmo vivendo e convivendo com figuras paraguaias que foram envolvidas em processo e fuziladas, e médicos estrangeiros que também sofreram os rigores das leis marciais. O dr. Domingo Parodi foi uma figura de destaque em plena efervescência do período bélico.

• Alberto Martins da Silva é general-de-brigada médico, diretor do Hospital do Exército, autor de vários trabalhos históricos e pesquisador da história da medicina militar. Pertence ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico Alagoano, Academia Brasileira de Medicina Militar, Academia Brasileira de Odontologia Militar e Academia Brasileira de Farmácia Militar.

Coluna do livro

O professor Irany Novah Moraes acaba de publicar o livro **Perfil Forense da Medicina** (Livreria Pioneira Editora), 1990. A obra, com 183 páginas, está dividida em cinco partes e quarenta e quatro capítulos. Na primeira parte, Ética na Circulação do Conhecimento, as lições são deontológicas, pontuando às claras questões para serem meditadas e seguidas, tudo exposto com o fito de diálogo com o leitor. "O monólogo seria, para o autor, o malogro de suas intenções, como molinho ao vento, melancólico e monótono."

Na segunda parte, Exercício Profissional, os temas são variados: de Valorização do Médico, Problema do Idoso, Privilégio do Aleitamento até a abordagem de pontos inerentes à prostituição, com propostas para minorar o problema.

A terceira parte, Discurso da Morte, trata de maneira clara e objetiva do inexorável fim do homem, tão presente no dia-a-dia dos médicos. Estuda, entre os vários capítulos que a compõem, a eutanásia nos seus aspectos éticos e antiéticos, a reanimação, a dignidade de morrer, a morte súbita etc.

A quarta parte, Infelizmente, versa sobre assuntos pertinentes aos problemas médicos que soem acontecer ao trabalhador e ao esportista, articulando, também, os fatos médicos aos mistérios da Justiça.

Finalmente, na última parte, a homenagem ao professor de Medicina Legal doutor Flaminio Fávero, a quem de fato a classe médica deve o reconhecimento de ter sido ele também um grande homem da Justiça.

Código de Ética Médica Comentado

O livro com o título acima, de autoria do professor Léo Meyer Coutinho, Editora Saraiva, 1989, é o primeiro de edição nacional no gênero.

Como sucede a qualquer lei, antes de ser elaborada, existe a conduta das pessoas que a determina, às quais ela se dirige. O primeiro Código Federal de Ética Médica é de 1965 e antes disso os médicos agiam por conta de suas próprias consciências, muito embora houvesse, desde 1952, o Código de

Ética da Associação Brasileira de Medicina.

O autor, com vasta experiência nos assuntos deontológicos, trata, pormenorizadamente, do Código vigente, dividindo sua obra em duas partes. Na primeira, comenta todos os artigos do referido Codex, mencionando as devidas implicações legais pública ou privada, no caso de infração a eles. Há determinados pontos onde o artigo abordado, ainda que explico no que dispõe, deixa margem a interpretações, como aliás comumente ocorre nos compilados legais. Nessas horas, os comentários que se encontram na obra orientam o procedimento e dirime as dúvidas, de forma clara e adequada.

A segunda parte, Apêndice, refere-se a temas abrangentes, os quais são tratados por menor e em separado, uma vez que, como nos diz o autor, não caberiam na análise de um artigo somente. São oito temas, todos de grande importância para os que se dedicam à arte de Esculápio. O livro tem 201 páginas.

Biblioteca da APM

O prédio da APM, há cerca de dois anos, vem passando por reformas em sua estrutura, visando dar ao médico mais conforto e melhores condições de aproveitamento do espaço. Por esse motivo, a Biblioteca, com o seu acervo raríssimo, o qual foi amalhado durante anos pelo doutor Duilio Crispim Farina, teve que ser desmontada. Ficou algum tempo inativa, mais do que o esperado, em face da decretação do Plano Col. Entretanto, normalizada a situação financeira, as obras foram reiniciadas e a Biblioteca está agora a um passo de sua reinauguração.

O Departamento Cultural da APM abre espaço no seu Suplemento para divulgar livros escritos por médicos ou que se relacionem com a Medicina. Queremos utilizá-lo, mande um exemplar da obra que, depois de apreciada e comentada aqui, fará parte do acervo da Biblioteca da Casa, podendo ser consultada pelos que desejarem. Endereço: avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 278, CEP 01318, a/c de Guido Arturo Palomba. G.A.P.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon } *Tertúlia*
Carlos Kleber Canova

Cássio Ravaglia - *Divulgação*
Guido Arturo Palomba - *Biblioteca*
Walter Pinheiro Guerra - *Biblioteca*

Nélson Pedral Sampaio } *Pinacoteca*
Wanda Gonda